

# Ainda há muito o que falar

A Augusta enterrou seu único par de sapatos naquela grossa camada de lama das ruas que a gente bem conhecia. O Roberto, cantando para um cinema lotado, esqueceu a letra da música. A Vera, nos seus 7 anos, foi, eufórica, conhecer o tão falado cinema e voltou chorando porque roubaram sua bolsa. O Agenor, perseguido pela professora, pediu um segundo examinador na prova, para conseguir passar de ano.

E que importância tem isso? É apenas emoção.

Pequenos casos como esses não mudam a história. Não são dados históricos. E, se tiverem algum valor, a informação não tem o rigor exigido por documentos oficiais.

Mas coisas assim fazem parte do nosso folclore, como as lavadeiras equilibrando trouxas de roupa pelas ruas, os cães que paravam de latir quando passava o enterro, a costureira que vestia as debutantes sem repetir um só modelo.

Ourinhos tem razoáveis documentos históricos nas bibliotecas e até nas redes. As mesmas redes permitiram juntar um valioso acervo fotográfico que traz os principais momentos destes cem anos. A história de Ourinhos parece estar bem registrada em publicações e documentos oficiais.

Mas os costumes, os hábitos, o modo de vida não cabem em documentos e nem aparecem em fotos. Esse é o propósito deste trabalho: não deixar cair no esquecimento o jeito ourinhense dos anos 50.





Uma época sob a influência da segunda guerra, que tinha acabado pouco antes. Um tempo em que os jornais chegavam de trem, com dois dias de atraso. O noticiário cinematográfico que antecedia os filmes do Cine Ourinhos era de um mês atrás.

A forte influência americana que chegava pelos filmes se misturava com a herança caipira dos primeiros moradores e criou um jeito de ser. É o que este trabalho tenta recuperar, mas está longe de ser completo. Muita gente ainda tem ótimas histórias para contar e pode contar, em uma próxima edição desta Poeira da Velha Ourinhos. Basta mandar suas lembranças para o **[www.poeiraafetiva.com](http://www.poeiraafetiva.com)**.

Ainda há muito o que falar.

Ninguém falou do Tufi do cinema. Nem do Luizinho Diniz, o diretor mais divertido que já passou pelo ginásio. Ou do jardim, onde as moças andavam prá-lá-prá-cá e os marmanjos ficavam em pé na beira da calçada olhando. Não falaram das músicas oferecidas pelo alto-falante. E muito menos de um rapaz que tocava violão em um banco lá no meio da praça: um certo Ari Cristoni, que ainda não se chamava Ari Toledo.

**O editor**

## Índice

|                          |     |
|--------------------------|-----|
| Nossa cidade.....        | 011 |
| Era assim.....           | 027 |
| Verdade?.....            | 043 |
| Chegaram, ficaram.....   | 055 |
| O Ginásio.....           | 067 |
| Outras escolas.....      | 085 |
| A estação.....           | 097 |
| Guerra é guerra.....     | 105 |
| Curas e bênçãos.....     | 115 |
| E comiam.....            | 125 |
| Aconteceu.....           | 133 |
| É festa.....             | 141 |
| É o que contam.....      | 149 |
| Escurinho do cinema..... | 163 |
| É gol! É cesta!.....     | 171 |
| Personagens.....         | 177 |

# Depoimentos

Testemunhas, não autores: são 16 velhos ourinhenses que emprestam suas lembranças para preservar a memória dos hábitos dos anos 50:

*Agenor Rossignoli*

*Álvaro Fernando Saraiva*

*Ana Lúcia Chiaradia*

*Carlos Ostronoff (Mocho)*

*Cidinha Teixeira de Freitas*

*Clyseide B. Escobar Gavião*

*Diógenes Ferreira*

*Euclides Rossignoli*

*Hélio Herrera Mandolini*

*Joaquim Luiz Bessa Neto*

*José Carlos Marão*

*José Petit Rodrigues*

*Lisandre Castello Branco*

*Maria Alice Carvalho*

*Reginaldo Pereira Góes*

*Vera Lúcia Mandolini Marcatti*